

● **Finanças**

Dívida Externa

ACERTO EXTERNO

Missão brasileira quer convencer o FMI a trocar o conceito de negociação

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

A missão que desembarca nesta semana em Washington para negociar um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) terá uma tarefa difícil: convencer a instituição a substituir seu conceito de "metas" pela idéia brasileira de "faixas".

"Essa sempre foi a nossa divergência com o Fundo", disse o ministro da Economia, Márcio Marques Moreira, em sua escala nova-iorquina de fim de semana, a caminho de Tóquio, para conversar com o chefe da equipe de renegociação da dívida externa do País, Pedro Malan.

O princípio defendido pelo ministro troca as metas fixas do fundo por faixas, ao longo das quais os principais números da economia brasileira poderiam oscilar durante o período do acordo com a instituição, sem que a cada variação o País esteja descumprindo a carta de intenções — como aconteceu invariavelmente ao longo da última década.

"Assim, o País terá mais liberdade para controlar sua economia", argumenta Márcio. Sua antecessora, Zélia Cardoso de Mello, batera na mesma tecla ao ponderar que o Fundo não está sendo realista ao pedir que a economia brasileira, com seus desequilíbrios correntes, obtenha as taxas de inflação das economias industrializadas.

O acordo com o FMI é importante para o trabalho de Malan com os bancos. Para o ministro da Economia, o ritmo do comitê assessor de bancos não é o de compasso de espera: "Estão estudando a nossa proposta", explicou. "Faz dez dias que apresentamos o projeto. Eles estão pedindo mais informações."

Isso é natural, a seu ver, mas ele acrescentou que "os bancos não têm nenhuma razão para esperar. Como eu disse, o que é preciso agora é fechar esse ciclo. E eles também têm responsabilidade. Eles também são parceiros. Os bancos não nos emprestaram apenas pelos nossos bons olhos, mas também porque queriam participar das oportunidades e dos riscos".

Márcio Marques Moreira disse que não está preparando um novo pacote econômico, e lamentou a demora na aprovação do emendão à constituinte, embora sem criticar apenas o Congresso: "Não há também essa coisa de empurrar responsabilidades. Somos todos responsáveis", admitiu. Sem as reformas do emendão, argumenta ele, "o País vai continuar balofo, com um Estado balofo". Ele notou que, na América Latina, o México está fazendo reformas, assim como a Colômbia, a Venezuela, o Uruguai e — exclamou — até o Paraguai. Acrescentou o Chile, a Argentina, e ressaltou que por toda parte "são as mesmas reformas".

"Se ficarmos nessa mediocridade", sem as reformas, avisou o ministro, "nós realmente ancoramos no pântano da obsolescência." Ele observa que o segundo mundo já acabou, e que o Brasil, se não avançar para o primeiro mundo, corre o risco de retroceder do terceiro para o quarto.

O negociador Malan disse ontem a este jornal que sua conversa de sábado com o ministro permitiu um exame mais detalhado das reuniões com o comitê assessor de bancos até agora do que tinha sido possível nos contatos telefônicos que mantiveram anteriormente.